



o martelo

adelaide ivánova







o martelo

adelaide ivánova

edições garupa,
rio de janeiro, 2017



edição
juliana travassos

projeto gráfico e capa
eduardo moura
juliana travassos

revisão
daniel dargains

produção executiva
xu xuyi

ivánova, adelaide [1982 -]
o martelo / adelaide ivánova - 2ª ed. – rio de janeiro: edições
garupa, 2017

ISBN:

CDD 869-91



sumário

I

o martelo
a visita
a banana
para laura
o elefante
o gato
a porca
o urubu
o cachorro
a mula
o broche
o envelope
os testículos
o juiz
a sentença

II

o duplo
o ministro
a mulher casada
o sismógrafo
a moral
as questões técnicas
a outra
os mecanismos de defesa
a briga de galo
o marido
o bom animal
o divórcio
o domador
o martelo





*O tempo, de fina areia, canta em meus braços:
me aconchego nele, faca na mão.*

Paul Celan,
tradução de Flávio R. Kothe



*My body, you are an animal
for whom ambition
is right*

Anna Swirzycynska,
tradução de Czeslaw Milosz e Leonard Nathan







um







o martelo

durmo com um martelo
embaixo do travesseiro
caso alguém entre de novo
e sorrateiro
no meu quarto não bastasse
ser um saco ter um ferro
me cutucando a cabeça
há ainda outro inconveniente:
Humboldt nunca pode chegar
de surpresa corre o risco
de ser martelado e assim
morrer ou viver
(a quantidade de energia
liberada pelo golpe de
um martelo
é equivalente à metade de
sua massa vezes a velocidade
ao quadrado na hora do impacto).







a visita

*and every bed has been condemned,
not by morality or law,
but by time*
Anne Sexton

quais as traças
aranhas piolhos
e outras bestas
infestam habitam
o colchão de visitas
que Humboldt não foi buscar
fingindo esquecimento
depois foi tarde demais
e estávamos apaixonados
demais para buscar
o colchão de visitas
na água-furtada
então ficou por isso mesmo

quais as traças
aranhas piolhos
e outras bestas
em outro colchão
maldito testemunharam
outro colchão
outra visita
o arranque
o violento
o sangue
bom sangue não houve
houve a chegada
e depois silêncio
por areia teia pó



musgo mofo aranha
eu pulei para outra
cama outras bestas
antes já haviam me
habitado formigas
ácaros piscianos
percevejos só as
traças e Humboldt
não me comeram

anos antes a desdita
embora areia teia pó
musgo mofo aranha
não pude nunca mais
sair daquela cama
há bestas menos confiáveis
que traças há hienas
potós peixes serpentes
se há 2 no colchão
de 1 visita sempre
haverá um que não é
inocente.



a banana

no porão tinha
uma mala dentro dela
josefine
que aí se escondia com
a ajuda da mãe para
que não fosse estuprada
afinal só se estupra alguém
que se acha o destino da
mãe não se sabe mas
josefine
está bem obrigada aos 11 anos
comeu banana pela
primeira vez oferecimento do
oficial francês que também
dava abortos às alemãs
que não tinham martelos
ou malas.







para laura

em 1998 quando encontraram
o corpo gay de matthew shepard
sua cara tinha sangue por todo lado
menos duas listras
perpendiculares
que era por onde suas lágrimas
havam escorrido
naquele dia o ciclista
que o encontrou não
ligou para polícia logo que o viu
porque o corpo de matthew
estava tão deformado
que o ciclista achou ter visto
um espantalho

sábado passado em são paulo
a polícia matou laura
não sem antes
torturá-la laura
foi filmada ainda viva
por outro sujeito
que em vez de ajudá-la
postou no youtube o vídeo
d'uma laura desorientada
e quem não estaria
tendo sangue na boca e na parte
de trás do vestido

laura tem um corpo
e um nome que lhe pertencem
laura de vermont presente!
foi assassinada pela nossa indiferença
e pela polícia brasileira
tinha 18 anos







o elefante

quando johanna morreu tinha um ano
e oito meses foi encontrada na piscina
apertava um elefante na mão que sua mãe
até hoje aperta muito embora o alzheimer
lhe impeça de lembrar por que ela a mãe
pulou na piscina ao ver johanna
à deriva no ventinho do norte da renânia
boiando na piscina que o pai de johanna
esqueceu de cobrir enquanto jogava
tênis com outros amigos talvez tão ou mais
ricos do que eles a mãe de johanna que hoje
já não se lembra de muita coisa como falei
por causa do alzheimer lembrou no entanto
de guardar o elefante só esqueceu
de tirar o vestido molhado dizem que passou
dias assim “parecia uma estátua grega” disseram
o que ninguém viu era que apertava também o
elefantinho em 1958 quando eu morri 50 anos
depois tinha vinte e cinco anos e seis meses e apertava
o primeiro verso de um poema de sylvia plath e resistia
bravamente de olhos fechados enquanto caía morto
o mundo inteiro embora soubesse que o resto do
poema é uma declaração de amor completamente idiota
como são todas as declarações de amor heterossexual
e como tantas coisas que plath escreveu recitava
o poema enquanto me afogava me perdoe plath me perdoe
campilho o mundo é um horror o elefante é de pelúcia
e ossinhos não são de mel
são apenas cálcio
nada mais.







o gato

a delegada não me levou a sério
em nada e perguntou escorregadia
se eu queria mesmo que se
instaurasse inquérito vestia um
conjuntinho maravilhoso e
horroroso calça e camisa
jeans com jeans
depois ao ler o processo
a delegada me fez lembrar de janus
o rei romano com duas caras e
do gato com duas caras que
morreu aos 15 anos
uma raridade um gato assim viver tanto
já a delegada segue viva de conjuntinho
jeans com janus.







a porca

a escritã é uma pessoa
e está curiosa como são
curiosas as pessoas
pergunta-me por que bebi
tanto não respondi mas sei
que a gente bebe pra morrer
sem ter que morrer muito
pergunta-me por que não
gritei já que não estava
amordaçada não respondi mas sei
que já se nasce com a mordaça
a escritã de camisa branca
engomada
é excelente funcionária e
datilógrafa me lembra muito
uma música
um animal não lembro qual.





o urubu

corpo de delito é
a expressão usada
para os casos de
infração em que há
no local marcas do evento
infracional
fazendo do corpo
um lugar e de delito
um adjetivo o exame
consiste em ver e ser
visto (festas também
consistem disso)

deitada numa maca com
quatro médicos ao meu redor
conversando ao mesmo tempo
sobre mucosas a greve
a falta de copos descartáveis
e decidindo diante de minhas pernas
abertas se depois do
expediente iam todos pro bar
o doutor do instituto
de medicina legal escreveu seu laudo
sem olhar pra minha cara
e falando no celular

eu e o doutor temos um corpo
e pelo menos outra coisa em comum:
adoramos telefonar e ir pro bar
o doutor é uma pessoa
lida com mortos e mulheres vivas
(que ele chama de peças)
com coisas.







o cachorro

a mulher do grupo
de ajuda é boa como
um cão preciso encontrar
esteio e ela me conforta
adivinhando a primeira obsessão
não se avexar tudo
voltará ao normal
não acredito mas parece
fazer sentido se fizer
algum sentido que hoje
não dou como sei que
gosto e Humboldt fode
como fodem os
maridos.





a mula

*um silêncio amamentado com veneno,
um silêncio imenso*

Paul Celan, tradução de Flávio R. Kothe

mede o valor de seu empenho
e afirmações tendo
como medida o peso que carrega
como boa mula não faz ideia
de quem a monta mas
está a seu serviço

como toda boa mula
empaca na beira do
abismo não morrer
é sua vingança
filomena sem língua
e mula
não pula por ódio
não por esperança
(e nisso há diferença
fundamental).

a mula-lavínia
também teve sua língua
arrancada de lucrecia
mula e adormecida
não arrancaram
nada mas a chantagem
é também uma mordida
a mula-talia também
dormia quando foi
violada





foi maury e mula
que conseguiu
abrir a boca
e ao virar asno
mudou o próprio
nome e o das coisas
a nova mula aprendeu
alemão e *vergewaltigung*
deixa de ser o que é
vira um som qualquer
dito com a mesma
entonação que cometa
fúria jacaré passarinho
fósforo procissão pedra
cacto

a mula empacada
quase muda ao menos
nunca foi surda
“até das pedras lhes ouço a desventura”
cada um tem o que diz
a mula em zarathustra
a mula de hilst
mas o rouxinol que canta
é o rouxinol macho.



o broche

a mulher de burca
entrou no metrô
atrás do marido
a mulher de burca
precisou apenas
chegar para ser
espetacular
a mulher de burca
me espanta me espanta
que se estabeleça
que uma mulher
deva usar a burca.

*

tentei decorar
um poema para
a mulher de burca
que me veio à mente
enquanto tentava
não observá-la
essa é afinal
a função da burca
e como ela deve
ser considerada
a burca tornou-se
maior que a mulher.

*

acontecem muitas
coisas no metrô
acontecem muitas
coisas na alemanha





mas ninguém se olha
nem na alemanha
e nem no metrô
pra mulher de burca
todo mundo olhou
mas ninguém a viu
ninguém julga ter
algo a ver com isso.

*

a mulher de burca
estragou meu sono
estragou meu sono
o brochinho azul
feito de miçangas
ostentado pela
burca da mulher
terrível enfeite
revolução muda
da mulher na burca.

*

embaixo da burca
há uma mulher.

*

eu sinto mais medo
de um deus misógino
que da lei que diz
à mulher a burca
quer dizer não sei
sempre haverá broches
de miçanga azul.





o envelope

adoro lambar envelope
eu gosto do gosto da cola
do envelope há algo
de devoção em lambar
papel e esse que
carrega o contrato
assinado com o advogado
leva dos fatos a minha versão
lambo esse envelope em pé
posto que esse papel lambido
é linguagem
e revolução.







os testículos

em alemão visor de porta
é espião olho mágico em
português *peephole* é o
que se diz no paquistão
cuja língua oficial é o
inglês judas é a palavra
em francês aproximando
vigilância da traição
o que me parece fruto
de resignada sensatez

as testemunhas não são
traças não viram nada como
as traças mas defendem
com histeria a inocência do
príncipe usando-me a mim
como medida como podem
ser chamadas de testemunhas
testemunhas que lá não estavam

antes não se faziam as coisas
por medo da guilhotina hoje
apenas pelo medo de ser
pego no flagra

(no paquistão se a vítima
não encontrar quatro testemunhas
oculares é ela que será
processada na inglaterra do
século 18 se a vítima não
tivesse gritado e se debatido
se estabelecia que a denúncia
não valia)





as testemunhas inventaram
parentescos amizades citaram
relações imaginárias um padraço
que fui ter com o príncipe
em seu quarto está tudo nos autos
palavras tantas entram em
mítica instância viram
documento poema oficial
mas incompetente as testemunhas
todas sabem que mentem o que elas
não sabem é que em latim
testemunhas e testículos
advêm da mesma base o que nesse
caso é um insulto com os testículos
essa coisa tão maravilhosa
que são os testículos
testis é o nome em latim
de onde dizem se inspirou
valéry para dar ao *monsieur*
o nome de *teste* que Humboldt
me mandou ler e como Humboldt
tem belos testículos faço tudo
que ele pede as testemunhas
todas mentem não dizem nada
com nada e se consideram
estupro sexo é porque não
fazem ideia como eu faço
do que é uma bela trepada.





o juiz

para Érica Zíngano

com altura entre quinze e trinta metros
o jataí também conhecido como dr. jatobá
tem tronco que pode ultrapassar um metro
de diâmetro e folhas com dois brilhantes
folíolos de seis a quatorze centímetros de
comprimento

o fruto é um legume indecente de casca
bastante dura com três sementes e
preenchido por massa amarelada
indicada para anemias crônicas

o jatobá é uma fruta mística muito conhecida
dos índios da américa latina pois traz equilíbrio
de desejos e julgamentos e os índios costumavam
comê-los antes das rodas de meditação hoje a
árvore (jatobeira ou jatobazeiro) é considerada
um patrimônio sagrado brasileiro

ao longo do tempo as pessoas foram se perguntado
se a polpa do fruto fazia mesmo efeito sobre a
saúde mental e sentimental de um sujeito
muitos cientistas passaram a estudar seus proveitos
e concluíram que o jatobá traz alguns benefícios
como a organização mental e a purificação dos
sentimentos já a quantidade de jatobás que
o dr. jatobá precisaria consumir para ser
justo ainda é contestável.







a sentença

duas releituras de duas odes de ricardo reis

I

pesa o decreto atroz, o fim certo.
pesa a sentença igual do juiz iníquo.
pesa como bigorna em minhas costas:
um homem foi hoje absolvido.

se a justiça é cega, só o xampu é neutro:
quão pouca diferença na inocência
do homem e das hienas. deixem-me em paz!
antes encham-me de vinho

a taça, qu'inda que bem ruim me deixe
ébria, console-me a alcoólica amnésia
e olvide o que de fato é tal sentença:
a mulher é a culpada.

II

pese do fel juiz igual sentença
em cada pobre homem, que não há motivo
para tanto. não fiz mal nenhum à mulher e
foi grande meu espanto

quando ela se ofendeu. exagerada, agora
reclama, fez denúncia e drama, mas na hora
nem se mexeu. culpa é dela: encheu à brava
a garbosa cara.

se a justiça é cega, só a topeira é sábia.
celebro abonançado o evidente indulto
pois sou apenas homem, não um monstro! leixai
à mulher o trauma.







dois





o duplo

*Fair and foul are near of kin
And fair needs foul, I cried*
W. B. Yeats

golyádkin é golyádkin
septimus é clarissa e
neo é ao mesmo tempo
smith e mr. anderson
leão precisa de aquário
e touro faz bem pra
escorpião qual era o
signo de eva será que
dava certo com o signo
de adão?

para constantino
o primeiro cristão
entre estupro e adultério
não havia diferença e
em carta de abril de 1880
dostoiévski escreveu
a uma certa ekaterina
algo como a duplicidade
minha amiga é musa
e é tormenta

o que seria de jesus
sem judas? não sei
mas me aterroriza o
pensamento o príncipe é
uma pessoa e é isso o que nos
faz iguais paus pessoas
constantinos e outros cézares
as small – they say – as I*

* Emily Dickinson







o ministro

pudessem os homens brancos em bruxelas
e thomas de maizière ouvir este meu poema
estaria resolvida o problema das fronteiras
veja bem sr. ministro
em minha cama não se pede visto já troquei
lençóis e fronhas sujos de sêmen made in
espanha hungria áustria zimbábue iraque
alemanha fazemos a alegria uns dos outros
e diga-me sr. ministro
se não fôssemos nós quem mais a faria? e quem
faria o crescimento dos seus índices demográficos?
segundo fatou diome deste somos
40% responsáveis diga mesmo sr. ministro
sem nós expatriados de onde viriam tantas delícias
as teses os ensaios a vida as baladas os bares e os
quadros com os quais lucram vossos museus
de onde viriam os livros premiados com os quais
lucram ou lucravam suas poeirentas livrarias?
haveria para pasolini este homem europeu um futuro
mais duradouro tivesse pasolini se refugiado?
talvez fosse morto na síria na líbia ou na casa
de caralho menos por ser refúgio e mais por ser
viado (sim outro grande problema mas esse não é
hoje o foco do poema) já deitei em futons tapetes
colchões e carpetes de toda sorte de gente inclusive
os de budapeste os mais cabrões atualmente
(os jogadores de golf de melilla não são menos sinistros)
o segredo sr. ministro
deixa eu explicar é abrir fronteiras e coração sermos
bons como lou salomé que fez a caridade de comer
nietzsche e para o próprio deleite ainda deu pra rée e (dizem)
rilke sermos bons com quem vier não importando a cor





do passaporte nem do sujeito apenas dando muito seja lá
do quê – um visto um teto um trabalho um halo um meio
de transporte mais seguro e ventilado que um caminhão
um destino mais humano que o injusto e raso para onde
eu você e petra laszlo mandamos o pai em fuga e seu filho
(o chão).





a mulher casada

sento-me
em círculo
conforme
o evento
engulo
o vinho
deposito no
cantinho
caroços
de azeitonas
controlo
o período fértil
finjo-me
cadastrada
carteirinha
de vacinada
belo
animal doméstico
celebro
banalidades
participo
da conversa
volto pra casa
de carona
e muda
tenho na cabeça
coisinhas
sexo
biquíni
navalhas
viagens





as azeitonas
os guardanapos
os óvulos
canela amêndoa
ursos polares.





o sismógrafo

um sismógrafo não gira em torno de
si mesmo como faria um compasso
(objeto sincero que demarca território ou ritmo)
um sismógrafo vai em frente como faria uma pessoa
decente e entregue como
(não) são as pessoas Humboldt que não
são como eu eu sigo Humboldt
me movendo em círculos em torno
disso e de você dessa busca
o sismógrafo mede terremotos
no chile e olha para o futuro e para
a segurança de todos os envolvidos
os culpados os absolvidos
seria o sismógrafo Humboldt capaz
de medir os batimentos cardíacos e
aquilo que é imprevisível aquilo
que ele mesmo causa?
seria o sismógrafo ignorante de si mesmo
capaz de medir os abalos sísmicos
que a visão de você procurando a nota
de cinco euros no fim da noite
causa em mim? eu poderia Humboldt
traduzir em escalas richter todas as desgraças
deste mundo sem nunca poder
traduzir em algarismos romanos ou
arábicos os efeitos desse terremoto
interno causado exclusivamente pela
existência dos seus músculos
Humboldt
eu poderia esvaziar esse bar
levar seus donos a falência
pelo puro desejo insaciável
de te ouvir falar.







a moral

poderia escrever
um poema
de amor
para o
fato de
que atravessamos
todas as ruas sem respeitar os semáforos eu

vejo um
atrevimento de
sua parte
não ter
medo de
morrer sua
certeza que
os carros vão parar para você passar eu

pararia eu
ainda paro
fico olhando
fingindo não
olhar na
contraluz os
seus ossos
seus pêlos
não aparados
o seu pau que não chupei porque você não deixou

alegando não
moral mas
sei lá
o quê





esqueci estava
bêbada mesmo
assim dormiu
nu bem
aqui quando
levantou vestiu a calça sem cueca quisera eu ser esse
[jeans achei

que depois
de cruzar
todos os
sinais fechados
ao seu
lado arriscando
minha vida
teria o direito de chupar seu pau até amanhecer mas

a única
coisa sua
que comi
foi uma
mozartkugel nojenta
com recheio
de marzipã.



as questões técnicas

passe-me
o diamante
passe-me
o companheiro de piso
passe-me o piso
o passo
a pisada
a simulação do soco
o açúcar refinado
do pau-de-arara
teu pau
de manhã
estava duro
ou era eu?







a outra

Humboldt você chega em cuba
com anos de atraso sei que nosso
trato não inclui estipulação de horários
para chegada e saída de barcos caravelas
e couraçados sei bem do nosso acordo:
você pode tudo –
eu, o contrário.

soa cínico claro pois não deixo de
embarcar em nenhuma nova
jornada seja como clandestina
ou convidada faço apenas uma
descrição do seu parágrafo na letra
das nossas leis que mal sigo já
falei mas levo bastante a sério
mormente ao nunca deixar
que lhe incomodem minhas malas
meu marido meu marear
amante querido sem nome
não se preocupe ninguém me come:
todos de brandemburgo à saxônia
têm muita consideração por você

eu não vou me opor àquilo
que você tem que viver agora
eu não vou dizer nada vou
observar como uma bióloga
serena paciente e orgulhosa
as dinâmicas as mentiras os
atrasos você chegando em casa
depressivo ou afobado essas coisas
da paixão meu querido que eu conheço
como a palma da minha mão já antes
de você nascer.







os mecanismos de defesa

passo frio
na sua cama
de propósito
em sublimação
para desfilar
a carne
da qual não te serves
em negação.







a briga de galo

a cockfight is a blood sport.

cocks are given the best of care until near the age of two.

in cockfighting physical trauma is increased for entertainment purposes.

cockfighting is said to be the world's oldest spectator sport.

there is a city in pakistan famous for being "the city of the cock".

cockfighting is partly a religious and partly a political institution.

cockfights are limited to a single round of 30 minutes, but statistics show that more than 50% of the fights end within the first five minutes.







o marido

de repente do riso fez-se
Humboldt de jeans e descalço
como eu gosto
e das bocas unidas fez-se
porra nenhuma porque não houve
bocas unidas
e das mãos espalmadas
fez-se um *high five*
fez-se do marido próximo
um amante fez-se do amante
um marido esperante
e não foi de repente

o marido se casa.





o bom animal

quantos palmos
de largura tem
o seu quadril?
desconfio que
o meu seja
mais largo
ao menos
foi o que senti
ao sentar
em você
queria eu
ter sentado
na sua cara
gentil
como um bom animal
e submissa
como um bom animal
eu me alegraria
com sua língua em mim
e grata
como um bom animal
eu lamberia
sua cara
molhada
pegajosa
cheirando a mim
mas minha língua
minha pobre língua
só lambeu suas
pálpebras
Humbert Humboldt
eu não sou nenhuma



Henriette Herz
me deixe pousar
a cara em seu pau
e me afogar no
silêncio entre
suas coxas e testículos
sua magreza me insulta
Humboldt
mas para cada osso
Humboldt
me deixe lembrá-lo
há a carne
correspondente.





o divórcio

apenas observando
você deixar passar
os anos
sem assinar
o email.

“vim devolver o homem
assino onde”.

apenas observando
você deixar passar
os homens
mas com papel
assinado.

vim devolver os anos
volto pra onde?

apenas observando
você deixar passar
o contrato
sem cumprir
seu papel.

vim devolver a cidade
volto pro homem.



apenas observando
você deixar
a cidade
sem assinar
o homem.

vim inverter os papéis
e não volto.





o domador

te estupraria
agora sei
entendo o príncipe
romano último
filho de rei
que violou criadas
esposa súditas galinhas
te estupraria
Humboldt
agora sei
de puro ódio
por não me queres
muito embora eu tenha me arrumado
e quase pedido
muito embora essa coisa não se pede
te estupraria
Humboldt
domador de tigres
de paisagens de colchas
aos retalhos
na tua cama
te estupraria
se pudesse
por vingança
pelo não-obrigado
por teres me rejeitado
mas não tenho
corpo necessário
mal posso crer
ser algo algoz e carne
como é de carne
o último príncipe de roma
o quarto o quinto o sexto
tarquínio que me violou.







o martelo

o papa quando morre
leva uma
marteladinha
na testa eu nunca
martelei
ninguém
nem papa nem príncipe nem rei
quando a procissão
tem que seguir
o capataz dá três
marteladas
no andor e os
costaleiros seguem
martelo
é um decassílabo heroico
com tônicas nas posições
três seis e dez quando
o atleta termina o
molinete três voltinhas
em torno de si mesmo
pode lançar o
martelo
que pesa sete kilos
duzentos e sessenta gramas
marx nunca falou sobre
martelo
algum quem já viu
escola de pensamento ter
símbolo qual seria o símbolo
da escola de frankfurt se
adorno tivesse escolhido um?
quando thor bate seu





martelo
é sinal de chuva e trovão
mas é a flor do mandacaru
que anuncia chuva no
sertão para o tubarão-martelo o
martelo
funciona como uma asa
estabilizando seus
movimentos além disso
o ritual de acasalamento
dos tubarões-martelo
é muito violento
na bandeira da albânia
comunista substituíram o
martelo
por um fuzil o
martelo
é um objeto ótimo
que serve pra dormir bem
ou pregar pregos.





posfácio

Não houve grito, mas houve e há desde então o barulho do martelo. Um que insiste e existe para fazer lembrar que o silêncio não é uma opção e que a poesia é a mais audível resposta para as perguntas que nunca foram feitas. Pois se colchões e travesseiros são mudos e se o útero é amordaçado, o martelo precisa se fazer ouvir em seus compassados estampidos como se estes fossem versos se chocando contra a parede do quarto, da sala, do bar, da delegacia. Os versos que você acaba de escutar estourando contra essas paredes se aglutinam em um dos mais ferozes trabalhos da poesia contemporânea brasileira. Em seu segundo livro, a poeta adelaide ivánova compõe uma trilha sonora de batidas fortes para falar de corpos – o da mulher e o da poesia – que urgem por se libertar dos julgamentos que se colocam sobre eles.

A poeta amola a faca com sua própria língua, pois não há mais tempo para meias palavras ou meias confissões. É chegada a hora de soltar o verbo e o gozo de dizer o que precisa ser dito do jeito que precisa ser dito, ou de como estupro é estupro, trepada é trepada e literatura é sentir na pele o peso das palavras.





Na primeira parte do livro, a epopeia de uma mulher estuprada: a delegada, a escritã, o juiz, as testemunhas e mais-um-homem-absolvido, a tragédia grega do patriarcado nosso de cada dia. “Pese a sentença igual da ignota morte”, escrevia ricardo reis, “Pese a sentença igual do juiz iníquo”, nos diz adelaide. Mas o que poderia ser um decassílabo heroico com o peso de uma bigorna, aparece não apenas nesse poema, como em todo o livro, na forma de um exercício irônico, de uma dicção muito própria que está a todo momento flertando com o que a linguagem carrega de senso de humor, pois onde queres culpa, terás desejo, onde queres revólver, beijinho no ombro (e um martelo debaixo do travesseiro, por precaução).

Na segunda parte, a poeta e os pedaços de um relacionamento que já não há, mas que ainda deixa seu cheiro pela casa. A poesia se torna aqui um bom animal não adestrado, sem medir seus desassossegos, mas assim o fazendo com ritmo e uma musicalidade muito própria, como se seus versos estivessem na esquina entre um punk rock hardcore e um brega daquele que se dança com toalha no ombro. E enquanto Humboldt, o fantasma presente do começo ao fim do livro, entra nas brechas abertas de sua memória, a poeta precisa lembrar das outras mulheres: emily dickinson, virginia woolf, sylvia plath, anne sexton, hilda hilst, adília lopes, matilde campilho; são muitas as mulheres que caminham ao lado de adelaide. E não é apenas uma questão de reverência, é saber ter sido constituída por elas.





Leixai viver então o lirismo do tesão, das ridículas declarações de amor, de escrever estupro onde lá longe se lê *vergewaltigung*, o lirismo do barulho do martelo. Pois que a medida da poesia presente neste livro não está no papel por sobre onde as palavras são impressas, mas na vibração muscular de pronunciar todas elas.

carol almeida







para minha mãe
para raquel e clarissa
para silvia e lucía [in memorian]
para minhas tias, primas e irmãs
e para jakob, “who waited”.

obrigada a armin betz, manuel wetscher, bernhard jarosch,
érica zíngano, william zeytounlian, Schneider carpeggiani,
Ricardo domeneck, priscilla campos, sarah catão, nuno
moura, italo diblasi, carol almeida e juliana travassos.



garupa informa:

esta edição brasileira d'*o martelo* traz quatro poemas inéditos na edição portuguesa: “para laura”, “o broche”, “o ministro” e “o sismografo”.

o martelo foi composto pela
família adobe text pro
e impresso em pólen bold
na gráfica xxx
no rio de janeiro,
134 dias depois do golpe